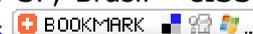


*Artigos Originais***UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE O *BULLYING* E OS VALORES CAPITALISTAS***Original Articles***A CRITICAL REFLECTION ON *BULLYING* AND CAPITALIST VALUE**

Elise Helena Batista*

<http://lattes.cnpq.br/7884195886953830>elisehelena2000@yahoo.com.br**CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ.**, Franca, SP, Brasil - eISSN 2175-4217 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)**RESUMO**

O *bullying* é um assunto que tem sido cada vez mais abordado no meio educacional. O presente estudo propõe apresentar algumas reflexões sobre essa violência no contexto do sistema capitalista. Para tanto, parte de discussões realizadas em um *Grupo Focal* com alunos de sétimos anos em uma escola estadual de Campinas/SP¹. O grupo foi formado após um ano de observações de aulas de Educação Física e demais acontecimentos da rotina escolar, com registros em um *Diário de Campo*. Foram realizados oito encontros que abordaram diferentes temas relacionados às diferenças e aos preconceitos, advindos das observações descritas no *Diário de Campo*. As reflexões propostas indicam que o *bullying* deve ser analisado de forma crítica em relação aos valores de competição e consumismo do sistema capitalista. Além disso, evidencia o *bullying* como um dos resultados de uma sociedade permeada por preconceitos.

Palavras-chave: *bullying*. escola. capitalismo. preconceito.

ABSTRACT

Bullying is an issue that has been increasingly discussed in the educational context. This paper presents reflections about the violence in the capitalist system. Therefore, is based on

* Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Orientadora Educacional Online do curso de Especialização em Educação Física oferecido pela FEF-UNICAMP em parceria com o governo do Estado de São Paulo (2010-2012).

¹ O estudo em questão é decorrente de uma pesquisa de mestrado defendida em dezembro de 2011 na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

the discussions conducted in a Focus Group with students from the 7th grade in a state school in Campinas (São Paulo, Brazil). The group was formed after a year of observations in the physical education classes and other events of the school routine, with records in a field log book. During the eight meetings held, several issues related to the differences and prejudices were addressed, supervened from the observations described in the field log book. The proposed reflections indicate that *bullying* should be examined critically in relation to the values of competition and consumerism of the capitalist system. Furthermore, evidence of the *bullying* as a result of a society permeated by prejudice.

Keywords: *bullying*. school. capitalism. prejudice.

INTRODUÇÃO

Em poucos anos o *bullying*² passou de assunto desconhecido para um tema amplamente divulgado no Brasil. Sua temática tornou-se cada vez mais presente em discussões educacionais, trabalhos acadêmicos, programas de TV e em publicações de diversos meios, como revistas e jornais. Em muitos estados e municípios foram criadas leis específicas sobre o *bullying* e projetos de combate a essa violência nas escolas.

O termo *bullying* se originou na Noruega, a partir de estudos que se iniciaram na década 1970, e foi adotado em diversos países para designar atitudes de violência que ocorrem nas escolas. Dan Olweus (2014, online) foi o pioneiro nos estudos sobre o *bullying* e desenvolveu os primeiros critérios para detectá-lo de forma específica³.

Para Abramovay (2006), o *bullying* é um nome novo para uma das diversas violências que existem há muito tempo nas escolas, referente à intimidação do outro e à sua ridicularização, por meio do constrangimento e coação. A autora pontua que nosso país possui um contexto diferente do norueguês no qual o termo se originou, e por esse motivo prefere não utilizá-lo. Em seu ponto de vista, no Brasil há outros

² Refere-se às manifestações agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem no ambiente escolar entre os alunos. Esse tipo de violência, com características singulares que o diferem de outros comportamentos agressivos não é exclusivo da atualidade, mas sim um fenômeno antigo.

³ Seu estudo inicial foi realizado com oitenta e quatro mil estudantes, cerca de quatrocentos professores e mil pais de alunos, e objetivou avaliar a natureza do *bullying* e sua ocorrência. Os resultados indicaram que uma em cada sete crianças estava envolvida em casos de *bullying*.

fatores sobre a violência que não se resumem ao “gordinho” ou à “menina sardenta de óculos”, pois em nosso país há manifestações de racismo próprios da localidade: “Naquele país - Noruega -, os alunos não ameaçam de morte os professores, nem os professores retrucam xingando os alunos de ‘picolé de breu’, ‘picolé de asfalto’ ou ‘toalha de mecânico’ etc., todas manifestações do imenso racismo que existe no Brasil” (ABRAMOVAY, 2006, p. 16).

De fato, ao importar um conceito, é necessário repensá-lo e contextualizá-lo. Na verdade, o ponto essencial é justamente problematizar seus significados a partir do contexto em que é vivenciado. Se no Brasil há uma configuração própria que se refere ao racismo, é necessário pensar no *bullying* nesse sentido. E esta reflexão se faz indispensável, afinal, se o *bullying* não trata somente dos gordinhos e daqueles que usam óculos, ele se refere inclusive a esses, e nesse sentido o termo abarca uma definição e significado próprios, chamando a atenção da escola e sociedade para as intimidações a todas essas diferenças.

Entretanto, muitos dos estudos atuais sobre o *bullying* não consideram tais aspectos. Em grande parte das abordagens o *bullying* é conceituado, os envolvidos são caracterizados como “vítimas”, “autores” e “testemunhas”. Além disso, são esquadrihadas propostas de ação contra o *bullying* nas escolas, por meio do ensino de valores morais e de programas de combate ao mesmo.

Ainda que tais abordagens tenham sua relevância, pois trazem o assunto a tona, acabam por ignorar o racismo presente nas manifestações em nosso país. Antunes e Zuin (2008) caminham ao encontro de tal pensamento ao realizarem uma análise crítica do conceito de *bullying* e das pesquisas que o enfocam. Os autores relatam que os estudos meramente estatísticos sobre violência e as intervenções baseadas em uma educação pré-determinada - via imperativos morais - mascara os fatos e contribui para a manutenção da ordem social desigual. Segundo os autores, a concepção do fenômeno *bullying* tem se fundamentado em uma ciência pragmática, por meio da qual se mantém a ordem vigente e que não contribui para emancipação dos indivíduos.

Ainda de acordo com os autores, para que atitudes simplistas não sejam encaradas como a solução definitiva para o problema da violência, é necessário

que as definições dos conceitos sejam estudadas à luz das mediações sociais que as determinam, ou seja, não se deve ignorar as razões sociais mais amplas que geram a violência, pois são essas que devem ser modificadas, ou seja, as raízes de sua existência. Com a ausência de reflexões, as ações frente às barbáries “se coisificam”, assemelhando-se à educação típica da sociedade administrada que, ao impor modos de ser e agir, torna a reflexão desnecessária e improdutiva. Portanto, não basta que se reconheçam as causas, possivelmente culturais, políticas, econômicas e sociais da violência, e sim que tais fatores sejam analisados e interpretados (ANTUNES; ZUIN, 2008).

Considerando a análise expressa pelos autores, o trabalho do qual origina este texto buscou compreender o *bullying* na sua relação de totalidade com o meio escolar e social. Isso implica estudá-lo além das ocorrências que o tem tornado um assunto da atualidade e até mesmo da “moda”. Compreendê-lo exige perpassar as relações de poder existentes no ambiente escolar. Exige olhar atento para como as diferenças são concebidas pelos alunos, influenciadas pelas informações que os mesmos recebem diariamente da mídia e do meio social e cultural na construção de suas identidades. Informações que constantemente propagam a ideologia capitalista de que uns perdem enquanto outros ganham, de eterna competição explícita e implícita.

Se apenas alguns são ganhadores e outros perdedores, como reagir frente a esse contexto? O que o *bullying* significa nesse jogo? É possível traçar tais relações?

Ouvindo os jovens, é possível encontrar algumas das respostas.

CAMINHOS DA PESQUISA: DAR VOZ AOS ALUNOS

O estudo se iniciou com a observação de aulas de Educação Física de oito turmas de sextos anos em uma escola estadual de Campinas, interior de São Paulo. A observação das aulas foi realizada em consonância com a postura que percorreu todo o estudo, ou seja, buscando um olhar ampliado às relações estabelecidas, não se restringindo apenas aos fatos observáveis objetivamente, mas sim considerando

as demais instâncias que interferem nos acontecimentos. Os registros foram realizados em um *Diário de Campo* entre março e novembro de 2009.

No ano de 2010 foi criado um grupo participante da pesquisa, seguindo os critérios de um *Grupo Focal* (GATTI, 2005), com o objetivo de conhecer o modo de pensar dos participantes e de garantir um espaço no qual todos possam falar. Sem o objetivo de “formar valores” ou ensinar sobre algo, o *Grupo Focal* (GF) intenciona escutar o que os participantes têm a dizer.

Os alunos convidados a participarem do GF possuíam diferentes características, que serviram como critério para a escolha juntamente aos registros do *Diário de Campo*, que foi o principal meio de seleção dos participantes. A formação final do grupo foi heterogênea, pois estiveram presentes: I- Alunos que sofreram agressões verbais e alunos que realizaram agressões verbais; II- Alunos que foram observadores dos fatos; III- Alunos com características de timidez e outros mais comunicativos; IV- Alunos com diferentes crenças: evangélicos, católicos e sem religião; V- Alunos de diferentes cor de pele: brancos, pretos e pardos; VI- Alunos do sexo masculino e feminino.

Com o objetivo de problematizar o *bullying* a partir de um olhar ampliado, as discussões no GF não se limitaram às situações classificadas como *bullying*, mas sim à complexidade das relações escolares registradas no *Diário de Campo*, relacionadas aos padrões de beleza, raça, etnia, gênero e sexualidade. Os encontros foram planejados utilizando como recursos imagens, vídeos, reportagens, textos e outros meios levantados a partir de pesquisas sobre os temas.

BULLYING: CAUSA OU CONSEQUÊNCIA?

Durante os oito encontros realizados, os alunos expressaram diversos sentimentos, opiniões, crenças, relatos cotidianos e desabafos relacionados às vivências na escola, nas casas, nas ruas. Falaram também da igreja, da televisão, de filmes, dos jogos de videogame e de outras instâncias que perpassam suas vidas. Os encontros do GF abordaram direta ou indiretamente o *bullying* e as diversas agressões presentes na escola.

Sabrina e Rafaela⁴, participantes do grupo, demonstraram identificação com o tema ao relatarem seus sentimentos em relação aos fatos que vivenciavam repetidamente na escola e fora dela, com palavras que expressavam suas angústias: *“Pra mim todos os dias são sempre iguais, porque é sempre a mesma coisa que eles fazem, sabe? Chamando de apelido, xingando, falando da pessoa, sabe? Mas teve um dia, assim, que me zuaram tanto que eu fiquei muito nervosa, aí eu comecei a chorar....”* (Sabrina).

Sabrina diz que *“todos os dias são sempre iguais”*, dias de xingamentos, de apelidos, de humilhações. Pensar sobre o que uma criança ou adolescente pode vivenciar cotidianamente em uma escola, tantas vezes em silêncio, evidencia a importância de colocar o tema *“bullying”* em discussão, mas sem ignorar o contexto amplo em que ocorre.

Para Abramovay (2006), as práticas de constrangimento, coação e intimidação - termos que ela utiliza no lugar de *bullying* - constituem-se em manifestações mais brandas da violência. Muitas vezes, o *bullying* é de fato considerado como uma violência “mais branda”. Isso ocorre porque, de modo geral, esta violência não tem como consequências um *derramar de sangue* ou a *morte*. Pelo menos não em seus sentidos literais. Mas, se essa violência não mata o corpo, pode causar outras mortes, ao destruir a autoimagem de jovens, o convívio com os colegas, a alegria, dentre outras possíveis mortes. E passar por essa experiência cotidianamente deve ser algo bem doloroso.

Uma dor, um sentimento este que Rafaela expressou em vários momentos: *Minha amiga mesmo me chama de “botijão de gás”, de gorda...”, “teve sexta e terça que eu fiquei o culto inteiro chorando e minha mãe: ‘Rafaela, não precisa ficar chorando. Isso é coisa de criança, isso é coisa que você não pode ligar’. Aí eu: ‘é mãe, mas você não sabe o que eu estou sentindo por dentro’.*”

Segundo Rafaela, sua mãe não sabia o que ela sentia por dentro. É possível que devido a essa dificuldade em saber como o outro se sente que as agressões de *bullying* são muitas vezes ignoradas ou consideradas brandas. Não estamos acostumados a olhar para o *outro*. Ao contrário, em nosso tempo de

⁴ Os nomes dos participantes do GF são fictícios, para preservar a identidade das estudantes.

grandes tecnologias, vivemos uma “sociedade excitada” (TÜRCKE, 2010, p. 9), na qual as sensações estão ligadas ao espetacular, ao chamativo, a tudo aquilo que provoca estímulos diversos no campo da percepção, e nessa atual conjuntura: “Somente o inconstante se tornou constante: o estado de uma inquietude geral, de excitação, de efervescência.” Segundo o autor, o aparato visual tem uma função muito importante no contexto da “sociedade da sensação”, pois provoca percepções que permanecem, estímulos muito difíceis de serem dominados ou ignorados.

Vivemos, para TÜRCKE (2010) em uma sociedade na qual impera a necessidade de sentir sensações cada vez mais fortes, e nesse contexto, será que é fácil “[...] saber como o outro se sente”? De modo semelhante, em uma sociedade excitada, em que os estímulos audiovisuais buscam provocar cada vez mais sensações, será que é possível olhar o próximo além de sua aparência “visual”? No Encontro 4, Kleber questionou Rafaela sobre como é possível olhar uma pessoa “por dentro”. Essa fala evidencia que o aluno parece não saber como olhar para o próximo além de sua aparência exterior. Afinal, como atentar-se às características abstratas de um ser humano em meio a tanto consumismo, a tanta massificação do *ter*, de um “concreto”, ainda que fútil? Afinal, “[...] apenas o que causa uma sensação é percebido.” (TÜRCKE, 2010, p. 20).

Para Rafaela e Sabrina, é provável que os encontros no GF tenham representado uma tentativa de modificar as situações relatadas, uma “corda lançada” em que puderam se agarrar. Talvez por essa razão as alunas pareciam gostar muito de discutir os temas propostos nos encontros, pois foi o espaço em que puderam relatar suas angústias e serem ouvidas. As alunas não são concebidas neste estudo como “vítimas”, ao contrário, a força de ambas deve ser destacada, ao exporem suas dificuldades e as dores que sentiam. Elas enfrentaram as angústias que as afligiam, precisaram tão somente de um espaço em que se sentiram seguras para fazê-lo.

Os alunos do grupo, quando questionados sobre quais seriam as razões das agressões físicas e verbais que ocorrem nas escolas, relataram que aqueles que xingam e humilham seus colegas o fazem para se sentirem superiores e melhores que os outros e para fazerem sucesso entre o grupo. Disseram também que aqueles mais fracos, que não conseguem se defender, acabam sendo os mais

agredidos pela turma. Marcas de um modo de viver que estimula uma luta constante entre as pessoas.

Outra hipótese formulada pelos alunos sobre as possíveis razões da violência no ambiente escolar foi o *revidar com agressão* a violência sofrida anteriormente, que poderia ser causada inclusive nas famílias. Sobre isso, alguns pontos podem ser destacados. O primeiro deles é que a violência de fato se reproduz, ela não é uma atitude isolada, e pode representar uma reação frente a outra violência. Em um estudo sobre a depredação escolar na cidade de Campinas, Guimarães (2003) revela que atitudes consideradas violentas por parte dos alunos podem representar uma forma de “devolução” contra as agressões realizadas pela escola: “[...] nas escolas depredadas, as relações entre as pessoas caracterizam-se pela repressão que a direção exercia sobre os alunos. Estes, por sua vez, respondiam a essa repressão e reagiam também com violência, depredando a escola.” (GUIMARÃES, 2003, p. 114).

De modo semelhante, no Encontro 7, ao serem instigados a colocarem-se no papel do *outro* em situações imaginárias, muitos alunos relataram que revidariam com agressão a violência sofrida. Essa parece ser a estratégia para viver no sistema atual, o capitalismo, em que a competição é exacerbada no conhecido “*cada um por si*”, onde cada um busca, individualmente, ser o vitorioso nesse “jogo” em que uns ganham e outros perdem. Como relata TÜRCKE (2010) “a pressão concorrencial pertence ao capitalismo assim como a pressão sanguínea, ao corpo” (p. 20). Essa concorrência está presente em várias instâncias da sociedade, desde grandes empresas e produtos como nas relações cotidianas. Em todas elas, a busca é por ser percebido, pois só existe aquilo que aparece, que está “aí” (TÜRCKE, 2010). Não seria a violência uma forma de estar “aí”, de se fazer percebido?

Soares (2007) faz uma análise nesse sentido, ao problematizar a invisibilidade - decorrente do preconceito e da indiferença - de muitos jovens pobres em nosso país. O que significa para esses jovens ser invisível? Qual a saída para que sejam vistos? O autor explica:

Quando nos ameaça na esquina, pela primeira vez, o menino não aponta para nós sua arma do alto de sua arrogância onipotente e

cruel, mas do fundo de sua impotência mais desesperada. O bandido, o bandido frio e brutal, o profissional do crime, não existe. Pelo menos, não existe ainda. Na esquina, apontando-nos a arma, o menino lança a nós um grito de socorro, um pedido de reconhecimento e valorização. [...] O sujeito que não era visto impõem-se a nós. Exige que o tratemos como sujeito. Recupera visibilidade, recompõe-se como sujeito, se reafirma e reconstrói. Põe-se em marcha um movimento de formação de si, de autocriação. Se havia dívida social (fala-se tanto na grande dívida social), eis aí a fatura. (SOARES, 2007, p. 141).

Dessa forma, a agressão, a violência, podem sim representar um caminho para ser “percebido”. Juntamente a esse fato, parece ter se naturalizado o agredir como forma de vivenciar as relações sociais, e com isso não se pensam em outras maneiras de agir frente às agressões, sendo a única estratégia a própria agressão. Colombier (1989, p. 51), ao estudar a violência escolar, relata que a mesma “nasce da palavra emparedada”. Segundo a autora:

Palavra emparedada. Quais são as classes, as horas de curso, onde os alunos têm a possibilidade de analisar o que lhes acontece e de falar sobre isso? [...] A violência é um discurso da recusa. Frente a esta situação, parece urgente criar lugares e tempo para a palavra. Inventar estratégias para que seja dito, ou às vezes escrito, o que não vai bem. Mas sem ingenuidade, não se trata de cair numa ideologia de consenso, acreditar que falando todo mundo vai ficar de acordo. Mas, ao contrário, é preciso levar em conta os conflitos e organizar os meios para sua resolução. (COLOMBIER, 1989, p. 82).

Se não há espaços para falar, a palavra fica “emparedada”, gerando violência após violência. Um bom exemplo é o caso do australiano Casey Heynes, que ficou conhecido após revidar com agressões o *bullying* que sofria na escola. Identificado como “vítima de *bullying*”, Casey tornou-se um herói mundial e ganhou seguidores em várias redes sociais, representando os “oprimidos” vítimas de *bullying*⁵. O fato do aluno defender-se da violência utilizando-se também de violência foi concebido como uma reação normal e até a ser admirada em muitas reportagens sobre o assunto.

⁵ Um vídeo postado na internet mostra o momento em que Casey revidou as agressões sofridas. Na reportagem, é possível notar um grande sensacionalismo sobre o caso. Após o ocorrido foram criadas animações que ilustravam a agressão retratada no vídeo. (HEYNES, 2011, online).

É possível que o incentivo à agressão seja estimulado por meio de estudos que atribuem características psicológicas aos envolvidos em *bullying*, que classificam e de certa forma rotulam cada “personagem da trama”. Pois, segundo tais estudos, as chamadas vítimas não possuem capacidade de defesa frente às agressões, sendo esta, portanto, uma capacidade a ser desenvolvida. É imprescindível ressaltar que, em meio às reportagens sobre o “caso Casey”, não foi pontuado o papel da escola como espaço formador e seu dever de estar atenta às ações de violência.

Segundo Silva e Salles (2010, p. 229), a violência não pode ser plenamente compreendida sem uma relação com o contexto social e cultural, pois:

Caso contrário, a violência escolar parece não ser mais que um problema individual, uma carência de habilidades sociais de alguns indivíduos ou quando muito causada pelo fato de o jovem pertencer a uma família desestruturada. É necessário compreender o indivíduo em sua totalidade, entendendo que a sua história de vida, embora seja singular, não é um processo interior independente da sociedade. O social constitui o subjetivo definindo a forma pela qual o indivíduo vai se posicionando frente aos diferentes espaços sociais pelos quais transita.

No Encontro 1, ao serem questionados sobre as razões do *“agredir o outro”*, as palavras e expressões ouvidas foram: *“raiva”*, *“o outro te xinga e você não aguenta”*, *“se achar o tal”*, *“humilhar o outro e assim se sentir melhor”*. Além disso, os alunos também disseram que se agride para os colegas darem risada e *“zuarem juntos”*. O grupo completou dizendo que aqueles que humilham não ligam para os sentimentos da pessoa ofendida.

Rafaela defendeu que as pessoas são do jeito que devem ser: *“A pessoa, ela é do jeito que ela quer e do jeito que Deus criou ela. Se ela é daquela jeito, o problema é dela, se você é desse jeito, o problema é seu”*, e Gustavo completou: *“Igual aqueles roqueiros lá, punk, que não corta o cabelo, deixa tudo assim, o problema é deles.”* Apesar de fazer tal afirmação, Gustavo se contrariou logo em seguida, pois ao ouvir Junior dizer que conhece pessoas que usam o cabelo *“vaca lambeu”* e calças apertadas, ele disse: *“Horrrível dona... a calça dele é assim”* - faz gesto mostrando a perna.

Essa reação de Gustavo indica que, mesmo ao concordar que todos têm o direito de ser como desejam e de serem respeitados em suas preferências, sua postura em não aceitar o modo como o outro se veste e penteia o cabelo acaba por evidenciar a exclusão sofrida por aqueles que não se enquadram no padrão valorizado. E isso explica como as relações escolares se estabelecem vinculadas a padrões a serem seguidos. Ao que parece, aos alunos não foram oportunizadas diferentes escolhas de como ser e a pensarem em novas possibilidades de agir. Esse fato ilustra como uma escolha que se diferencia do padrão hegemônico pode significar a não-aceitação do grupo e conseqüentemente ofensas motivadas por tal decisão.

Durante os encontros foi projetada uma reportagem em vídeo que conta a história de um garoto que sofreu *bullying* na escola, com depoimentos dele, de sua mãe e da diretora do colégio. Os alunos do GF mostraram-se sensibilizados com a história narrada, inclusive em diferentes encontros lembraram-se dessa reportagem. Alguns deles disseram que ficaram com pena do garoto: *“Eu fiquei com dó, por causa que jogaram graxa no cabelo dele, zoaram muito dele, bateram nele. Porque, tipo, cada um tem seu gosto, cada um é do jeito que quiser.”* (Junior).

A reportagem também incentivou Laís, que não falava muito nos encontros, a narrar como se sentia na escola, fazendo uma relação com o vivido pelo garoto do vídeo: *“[...] várias vezes eu vinha pra escola e os outros ficavam me xingando, então pra ele eu acho que foi ruim também. Porque o sentimento fica ruim, a gente às vezes nem tem vontade de ir pra escola porque vai que chega aqui e começa xingar a gente de novo, aí dá vontade de ir embora.”*

É perceptível que dentre as exclusões que existem no sistema escolar, a agressão pode ser uma forma de afastar alguns alunos, muitas vezes de forma definitiva! Quantos alunos podem ter deixado a escola e foram tidos como os únicos culpados por uma aparente “irresponsabilidade” e “desinteresse”, sem que outros possíveis fatores fossem abordados? Por esse motivo, a preocupação com o *bullying* é muito importante na atualidade, pois é uma forma de violência que pode causar conseqüências diversas, anteriormente ignoradas. Afinal, se para alguns essas agressões representam apenas brincadeiras, para outros podem representar grande sofrimento. E a escola deve estar atenta a isso.

No contexto escolar, é interessante observar como os alunos se colocaram frente às agressões que eles mesmos praticavam, em falas que evidenciaram como a escola lida com tais ações. No Encontro 1, Murilo e Gustavo contaram o que sentem ao xingar e quais as preocupações que os cercam nesses momentos: “[...] às vezes eu percebo que eu xingo a pessoa e a pessoa vira, eu penso ‘oh, será que ela ficou brava, ficou triste?’, mas assim, eu não fico com dó, eu fico com medo, né? Dela chamar a Diretora ou o Professor e eu tomar suspensão.” (Murilo). Gustavo concordou: “Nem eu dona, eu não fico com dó não. Tipo, eu também fico com medo se ela chama a Diretora ou a dona, ou se é mais forte que eu e vem me bater. Daí tipo, eu paro de zoar se a pessoa, eu vejo, está ficando muito brava, eu paro.”

Guimarães (1996, p. 51) problematiza as ações escolares que objetivam modificar comportamentos sem relacioná-los às esferas mais amplas da violência:

E, se a escola é a expressão de um eterno conflito, a violência que daí resulta deve ser objeto de uma negociação constante, cotidiana, enquanto as coisas estiverem acontecendo, e não através de planos que manipulem as ações das pessoas com a finalidade de elas descarregarem suas energias e, deste modo, serem mais pacíficas, obedientes e submissas.

É possível perceber que os alunos estão acostumados a serem suspensos e irem para a direção, e isso é o que os preocupa. Entretanto o medo pelas punições não os afastam de cometerem atos passíveis das mesmas. Segundo Guimarães (2003, p. 100) os sistemas de punição, dentre eles os castigos, são aplicados para separar e destacar os indivíduos rebeldes e desviantes, e não necessariamente como uma forma de evitar novos delitos por parte dos mesmos: “[...] não se faz, na escola, uma reflexão com o aluno da causa de seus atos, porque, na realidade, isso acarretaria o desenvolvimento do senso crítico, não só do aluno, mas em todos os elementos que participam da sua formação.”

Quando se fala em *bullying* e nas formas de combatê-lo, não se pode ignorar que essa violência é gerada e alimentada inclusive pelo próprio sistema escolar e por aqueles que ocupam posições que representam poder, dentre elas a do professor, que ora pode se omitir mediante as agressões que vê entre seus alunos,

ora pode ser o próprio desencadeador de tais agressões, pois ele também faz parte desse jogo de violências que se produzem e reproduzem na escola e na sociedade.

Ao serem questionados se os professores observam e interferem em situações de agressão, os alunos disseram que algumas vezes sim, inclusive por meio de advertências àqueles que agredem. Outras vezes chamam a atenção dos alunos. Entretanto, segundo Sabrina: “*eles falam, mas não resolvem*”, pois mesmo com a interferência dos professores as agressões continuam.

Ao que parece, alguns professores tentam intervir com advertências ou “chamando a atenção” dos alunos, entretanto percebe-se que essas estratégias são pontuais e não alcançam os objetivos de diminuir a violência. Muitos professores não querem ser passivos diante da violência no ambiente escolar, mas também não se aprofundam nessas ocorrências juntamente com o grupo de alunos, o que provavelmente teria mais efeitos. Parar o conteúdo da aula, conversar com a turma, deixá-los falar: essas ações poderiam provocar mudanças, ao contrário do que se percebe com as punições ou advertências verbais.

Essa maneira superficial de abordar os problemas é muito presente na escola. Talvez, também por esse motivo, as relações escolares se agravam a cada dia. É necessário que, ao contrário de intervenções pontuais e isoladas, as questões sejam encaradas e abordadas em um todo mais amplo, ou seja, a partir do contexto sociocultural da escola e além dos seus muros, e que sejam problematizadas de modo aberto com todo o grupo de alunos.

A complexidade das relações vivenciadas pelos alunos expressa em suas falas evidenciam que o *bullying* é apenas um dos problemas, mas não algo isolado de inúmeros processos de estigmas, preconceitos e estereótipos que permeiam as relações escolares e sociais. A partir de tal afirmação, é possível traçar novas relações com os valores vinculados ao sistema capitalista que perpassa as várias instâncias das relações.

BULLYING: EXPRESSÃO DE COMPETIÇÃO, RETRATO DO CAPITALISMO

A atenção atualmente destinada ao tema *bullying* é de grande valia, visto que representa uma postura que não mais ignora as “pequenas violências” que ocorrem silenciosamente nos corredores das escolas, nas salas de aula e demais espaços da instituição.

De fato, durante muito tempo essas ações de violência “velada” foram negligenciadas e seus acontecimentos encarados como manifestações naturais. Tal fato em si é fonte de reflexão: Em uma sociedade capitalista, pautada pela competição, o *bullying* é apenas um de seus resultados. Pois esse fenômeno representa, na fala dos próprios alunos, uma estratégia para que uma pessoa se sobressaia sobre a outra, evidencie seu poder e força em busca de reconhecimento e prestígio. Assim, sua ocorrência é a reprodução da competição constante instaurada em nossa sociedade.

O *bullying* representa a lei do mais forte⁶, a lei do “cada um por si”, a lei que representa a máxima: “alguns ganham, outros perdem”. Tal sentença é transmitida nas escolas desde cedo, com os sistemas de avaliação que tantas vezes reforçam a divisão entre os considerados “bons” e aqueles que não alcançam os objetivos estipulados pela instituição escolar.

Ao concordar com tal ideologia presente em nossas relações humanas e sociais, tais violências que inferiorizam o outro são admitidas como naturais. É dessa forma que muitos educadores e famílias ainda concebem a problemática. A passividade da escola é uma atitude que expressa o que a sociedade aprende e ensina: cada um por si.

Mas, nesse jogo de forças, há aqueles que iniciam a partida em desvantagem. Algumas diferenças representam, ainda hoje, desigualdades. Os preconceitos, muitas vezes velados pelos discursos de democracia e igualdade, perduram com força.

⁶ Cabe ressaltar que as posições de poder se modificam. Essas relações de poder em que uns ganham e outros perdem não são estáticas, elas vivem um processo dinâmico: aquele que em determinado momento domina, posteriormente pode ocupar a posição de dominado (FOUCAULT, 1995). As denominações de *agressores* e *vítimas* quando se fala em *bullying* ignoram o processo dinâmico que as relações de poder acontecem.

As desigualdades, que sustentam a estrutura capitalista, têm como pano de fundo as diferenças: são as diferenças que determinam o fato de alguns já iniciarem perdedores ou vencedores nesse jogo injusto.

Assim, a discussão que devemos empreender aqui não diz respeito ao *bullying* ou às diferenças como questões fechadas em si mesmas, mas sim a um fato que não podemos ignorar: em nossa sociedade as diferenças representam posições privilegiadas ou não-privilegiadas, culminando em desigualdades. Sendo negro, inicia-se perdendo nesse jogo; se mulher, igualmente. Tais características se agravam ao não se enquadrarem nos padrões de beleza valorizados.

Antunes e Zuin (2008) apontaram como *bullying* tem sido abordado atualmente: um problema em si mesmo. Suas raízes e relações com a sociedade não são investigadas. E quais são essas raízes?

Os preconceitos, discriminações e injustiças são frutos da sociedade, por consequência o *bullying* também o é. Desta forma, se atualmente a escola e os educadores começam a dar importância ao tema, não devem ignorar as diversas facetas que envolvem as ações de violência. Ignorar tais fatores é ser dominado por esta violência, como se não houvesse nada a fazer além de combater sua ocorrência. Como afirmam Antunes e Zuin (2008), ao serem deixadas de lado as raízes de sua existência, os fenômenos tornam-se naturalizados e ao serem naturalizados controlam os homens, convertendo-se apenas em dados e números estatísticos.

Combater o *bullying* sem problematizar questões sociais, políticas e culturais é tratá-lo superficialmente, é “coisificar” um problema que, assim, é prontamente “capturado” e torna-se um assunto da moda. Por sinal, criar “modas” é mais um recurso poderoso do sistema capitalista, pois propulsiona a venda de novos produtos (cursos, livros, cosméticos⁷). Assim, o interesse é o consumir, não objetivando reflexões, mas sim reproduções de verdades estabelecidas. Atualmente

⁷ Atualmente é transmitido na TV o comercial de um cosmético contra as acnes que utiliza como incentivo à comercialização do mesmo uma encenação do meio escolar em que uma garota sofre “*bullying*” de seus colegas em razão de suas espinhas. A mensagem publicitária afirma que seus pais, para não verem a filha sofrer, devem comprar o cosmético. O problema é solucionado em um “passe de mágica”: ao final do comercial, a personagem aparece feliz, sendo galanteada por um garoto branco e loiro. É possível observar uma banalização do *bullying* nesse comercial, visando tão somente a venda/lucro. Além, é claro, da valorização do padrão de beleza estereotipado.

verificamos publicações e cursos de “combate ao *bullying*” e até mesmo o campo do direito adentrando à discussão, com foco em recompensas financeiras. Além disso, leis são criadas com a intenção de punir os classificados como “agressores”.

A educação e reflexão críticas são deixadas de lado. A atenção a esta violência, que poderia significar um avanço, corre o risco de tornar-se um retrocesso caso o fenômeno não seja de fato pensado e problematizado com todos os envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de *bullying* é falar de um fenômeno intrinsecamente relacionado ao modo de viver capitalista. Pensar nos valores transmitidos na mídia, nas concepções dos alunos sobre o diferente, no incentivo à competição, nas desigualdades sociais, é algo essencial nessa discussão.

O caminho, para além de “moralizar”, é proporcionar momentos de reflexão, em que os alunos possam repensar valores, perceber preconceitos, desconstruí-los e descobrirem novas “verdades”.

O caminho para os educadores não é fácil e muitas vezes deve iniciar na própria “sala dos professores”, já que os preconceitos relacionados ao *bullying* são vivenciados também pelos adultos, pois estão presentes na sociedade. Esse caminho não requer receitas de como fazê-lo, pois as receitas recaem no mesmo vácuo: reprodução sem reflexão, sem crítica, sem pensamento. Receitas fechadas podem ser vistas como uma solução mágica dos problemas, quando na realidade o caminho deve ser construído ao caminhar.

Assim como o relatado nesse estudo, que experiências de ouvir os alunos e de proporcionar momentos de reflexão possam ser pensados, repensados e construídos em cada realidade escolar. Que ao abordar o *bullying*, os diversos fatores sociais, culturais e políticos sejam considerados. Que os alunos sejam percebidos como sujeitos atuantes nesse processo. Não como “vítimas” ou “agressores” passíveis de terapias ou punições, mas sim como indivíduos imersos em um contexto competitivo, que devem pensar sobre as próprias atitudes e

pensamentos para não reproduzirem as desigualdades vivenciadas cotidianamente, em cada meio social, dentre eles a escola.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. Entrevista. **Dialogia**, São Paulo, v. 5, p. 15-22, 2006.

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Revista Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 33-41, jan./abr. 2008.

COLOMBIER, Claire. **A violência na escola**. São Paulo: Summus, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade**. Campinas: Autores Associados, 1996.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **Vigilância, punição e depredação escolar**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

HEYNES, Casey. Entrevista. **A Current Affair**. Melbourne: GTV-9, 2011. Vídeo. Disponível em: <http://www.dailymotion.com/video/xhrq1b_zangief-kid-vitima-de-bullying_news>. Acesso em: 2013.

OLWEUS, Dan. **Bullying prevention program**. 2014. Disponível em: <<http://www.clemson.edu/olweus/history.htm>>. Acesso em: 2013.

SILVA, Joyce Mary Adam de Paula; SALLES, Leila Maria Ferreira. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. **Educar em Revista**, Curitiba, n. esp. 2, p. 217-232, 2010.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Instituto Cidadania e Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.

Artigo recebido em: 24/01/2014.

Aprovado em: 15/03/2014.